

O EROTISMO EM MAGMA

Michely Ribeiro da Costa DANTAS¹

Jucélia Ramos SILVA²

Nismária Alves DAVID³

RESUMO

Este trabalho discute o erotismo na poética de Olga Savary. O eixo de estudo começa com a compreensão do que é erotismo, utilizando-se da obra O Erotismo, de Georges Bataille, e procede à análise dos poemas “Acomodação do desejo I”, “Mar I”, “Mar II”, “Sumidouro I”, “Sumidouro II” e Sumidouro III”, publicados em Magma (1982). A referida poeta mostra-nos, por meio de seu fazer poético, que a força erótica rege seu trabalho criativo. Especialmente, seus poemas versam sobre a libertação da mulher como um ser que expõe o desejo, promovendo a realização da poesia que escreve sobre o corpo, sobretudo feminino.

Palavras-chaves: Olga Savary. Erotismo. Magma. Poesia.

ABSTRACT

This paper discuss the eroticism in the poetics by Olga Savary. The study begins with an understanding of eroticism, based on the book O Erotismo by Georges Bataille, and it analyzes of Magma's poems (1982): “Acomodação do desejo I”, “Mar I”, “Mar II”, “Sumidouro I”, “Sumidouro II” and Sumidouro III”. The author shows us the erotic force rules her creative work. Her poems offer women' liberation as a being who exposing her desire, and thus promoting poetry on the body, especially on the female body.

Keywords: Olga Savary. Eroticism. Magma. Poetry.

¹ Acadêmica da Especialização Lato Sensu em Estudos Literários - Universidade Estadual de Goiás (UEG-Câmpus Posse). Email: . michelyrcdantas@gmail.com

² Acadêmica da Especialização Lato Sensu em Estudos Literários - Universidade Estadual de Goiás (UEG-Câmpus Posse). Email: . juceliaramos_silva@hotmail.com

³ Orientadora e Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás. Email: nisdavid@yahoo.com.br

Introdução

O presente artigo propõe estudar os poemas da obra poética Magma, de Olga Savary, destacando o jogo instaurado entre o erotismo e a escrita feminina. Esta poeta faz parte de um

seleto grupo de escritoras que trata da temática do corpo, por muito tempo, vedada à mulher. Os poemas savaryanos colaboram para abrir caminho no que se refere ao erotismo, à identidade e à escrita literária feminina, o que vem contra uma sociedade patriarcal que oprime e silencia a expressão do corpo feminino.

Olga Augusta Maria Savary nasceu em Belém do Pará, no dia 21 de maio de 1933 – filha única do engenheiro Bruno Savary e da desenhista e violinista Célia Nobre de Almeida Savary – e foi casada com o jornalista Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe. Poeta, contista, romancista, ensaísta, tradutora e jornalista, Olga publicou diversos livros, recebeu importantes prêmios literários e foi a primeira mulher a publicar um livro inteiro de poemas eróticos, intitulado *Magma*, que é o objeto deste estudo.

Magma foi publicado em 1982, no qual se apresenta o erotismo como algo próprio da escrita e do pensamento femininos. Seus poemas coloca a mulher, ao mesmo tempo, na condição de sujeito ativo e passivo no jogo de sedução, convertem o templo corpo em um templo do prazer e privilegiam o erotismo como a comunhão erótico-carnal dos amantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O erotismo, apresentado nos poemas de Olga Savary, torna-se um expediente privilegiado para a experiência das transgressões na poesia, como diria Bataille (1987). A criação erótica envereda-se com a criação poética (PAZ, 1994), por isso, a escrita participa da libertação do indivíduo seja pela poesia seja pelo erotismo. A poética da escritora manifesta-se como celebração do corpo, pois possibilita uma forma de liberdade e vida plena do indivíduo, trazendo à tona os prazeres carnavais com intensa sensualidade.

Magma desvela o erotismo sem qualquer tipo de preconceito. Trata-se de uma obra que foi escrita após a revolução feminista e publicada no tempo da ditadura militar (cujo período durou de 1964 até 1985). De fato, corresponde a um tempo de muitas lutas por direitos e por liberdade de expressão, em que todos os grupos reivindicavam à sua maneira.

Notadamente, a mulher já não queria ser vista como sexo frágil e ainda lhe eram negados vários direitos como o de falar sobre o erotismo, o desejo e a sexualidade femininos. A revolução feminista evidenciou a postura de mulheres que, rompendo com seu cotidiano, apresentam-se como sujeito social. Em outros termos, mulheres, antes cerceadas pelos poderes

patriarcais dominantes em nossa cultura, aparecem agora como capazes de assumir diferentes papéis sociais.

Assim, as lutas e as transformações ocorridas entre as décadas de 60 e 80 apresentam uma nova mulher. Levando em consideração o cenário político de lutas e de afirmação do feminismo, podemos entender a coragem de Olga Savary ao lançar um livro de poesias eróticas em um tempo de repressão no contexto político brasileiro.

Por meio de *Magma*, Savary abriu as veredas para que a mulher, antes submissa, pudesse revelar-se como possuidora de desejos e com sua própria visão crítica de mundo. Isso porque o comportamento da mulher se restringia simplesmente em escrever sobre assuntos de casa, já que a vida feminina era destinada à procriação e aos cuidados domésticos. Ao polemizar a sociedade, a poeta lança para o público o melhor de sua maturidade poética, rompendo com a conduta esperada para uma senhora escritora, afinal, suas poesias eróticas colocam a mulher em um panorama onde elas aparecem como seres completos. Desse modo, sua poética de cunho erótico associa-se, ao mesmo tempo, com a natureza e com a cultura.

Em razão disso, faz-se necessário compreender os conceitos de erotismo. Em seu livro *O Erotismo*, Georges Bataille (1987, p.10) afirma: “o erotismo é aprovação da vida até a morte” e se manifesta em três formas:

O erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, finalmente, o erotismo sagrado...nelas o que está em questão é substituir o isolamento do ser, a sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda. (BATAILLE, 1987, p.13).

Para o referido teórico, na manifestação erótica, há a experiência humana interior, na qual “o interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão” (BATAILLE, 1987, p. 45). Embora haja regras a seguir, toda proibição instiga o desejo e, conseqüentemente, a desobediência dessa ordem, revelando-se como uma forma de resistência humana, pois a transgressão faz com que o ser interior se apresente de forma plena.

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto corresponde à interioridade do desejo... O Erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. (BATAILLE, 1987, p.20).

Bataille (1987) apresenta o erotismo como um aspecto da interioridade do homem que se opõe à sexualidade animal. Ao escolher um parceiro, os humanos levam em conta preferências que se originam em aspectos de sua interioridade. A transgressão é, para o teórico, a desordem organizada, na medida em que introduz num mundo organizado algo que o ultrapassa. O autor aponta que a transgressão é que dá os contornos de uma nova definição social:

Se a transgressão propriamente dita, opondo-se ao desconhecimento do interdito, não tivesse esse caráter limitado, ela seria uma volta à violência - à animalidade da violência. Mas não é isto, na realidade. A transgressão organizada forma com o interdito um conjunto que define a vida social. (BATAILLE, 1987, p. 43).

“O Erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põem conscientemente em questão” (BATAILLE, 1987, p. 21). Desse modo, o erotismo, segundo o autor, é a fascinação pelo proibido, por aquilo não aceito pela sociedade. Seja por ordem social ou pela maneira em que fomos educados, essa educação nos leva a sermos sujeitos julgadores de comportamentos, classificando-os como certos ou errados.

Savary cria, por meio do erotismo, formas de enfrentar a ordem social vista como modelo-padrão. Em *Magma*, a temática erótica já é sugerida desde o título da obra. Isso porque a palavra *magma*, no dicionário Aurélio, significa “massa natural, fluida, ígnea, situadas em camadas profundas da terra”. São rochas derretidas que ficam no centro da terra, aguardando um movimento das placas tectônicas para virem à tona, assim como ocorre com a explosão do desejo erótico.

Em entrevista à Revista Marie Claire, Savary revela sobre a construção do livro em foco e sua admiração pela poeta e amiga Hilda Hilst:

Lancei o *Magma* em 1982, mas os poemas já estavam na minha cabeça, fermentando, havia anos. Só concluí o livro quando fui passar um fim de semana com a Hilda [Hilst, escritora] na fazenda dela, em Campinas, e fiquei um mês. Eu gostava tanto da poesia dela que decidi organizar sua antologia. Mas Hilda não trabalhava aos domingos e, durante a semana, mergulhava na sua escrita. Então, eu, que me desespero se não escrever, me dediquei mais ao livro do que fazia em casa, com crianças e marido [Olga era casada com o cartunista Sérgio Jaguaribe, o Jaguar, pai de seus filhos, Flávia e Pedro]. Os poemas estavam todos no plano das ideias. Só faltava escrever. O caminho é esse: cabeça, braço, mão, caneta e papel. Jorge Amado também escrevia à mão. Hoje, todo mundo usa computador para tudo. Eu só digito quando as editoras exigem. (Entrevista concedida à Marina Caruso, publicada na Revista Marie Claire, de 16/06/2011).

Segundo Olga, a fissura que a aguardava chegou no instante em que visitava Hilda. Ainda nos conta que os poemas aparecem na mente, vai para o braço, para mão e, finalmente, para o papel. Vê-se a inquietação vivida pela poeta como se fosse um vulcão. Em outras palavras, os poemas savaryanos são como o magma que espera calmo, porém, ardente e em forma líquida para, após exposto, solidificar-se.

Erotismo e sexualidade, durante muito tempo, foram assuntos proibidos ao grupo feminino. Em sociedades pautadas pela autoridade patriarcal, que institui o poder masculino sobre o corpo feminino, assim como sobre o seu pensamento que era marcadamente engessado em uma visão religiosa para que não se corrompesse. Segundo Saffioti (2001):

Se é verdade que a ordem patriarcal de gênero não opera sozinha, é também verdade que ela constitui o caldo de cultura no qual tem lugar a violência de gênero, a argamassa que edifica desigualdades várias, inclusive entre homens e mulheres. (SAFFIOTI, 2001, p.133).

Sabe-se que a mulher, por muito tempo, não era valorizada como deveria, sendo tida apenas como um objeto, que não tinha direito de desejar, era subjugada e limitada à realização de tarefas domésticas e à reprodução.

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente. (MUZART, 2003, p. 267).

Segundo Zahidé Muzart (2003), mesmo não participando ativamente das bandeiras feministas da época, ao querer desprender-se da sua realidade, toda mulher já era considerada uma feminista. Com as lutas feministas em si, o “sexo frágil” conseguiu várias conquistas durante os séculos: direito ao voto, a trabalhar fora de casa, a ocupar lugares antes destinados somente aos homens, e a fazer parte da escrita literária, utilizando os seus próprios nomes.

Um desses exemplos é Olga Savary, que teve a ousadia de tratar de uma temática vedada à mulher, como já dissemos. A poesia da referida autora insere propostas com novos horizontes de sentido acerca do erotismo, da sexualidade, da identidade, sobretudo, da realização literária feminina. O ato sexual, para a autora, é uma expressão do selvagem, do que é proibido, o delírio de possuir e ser possuída, tocar e ser tocada, amar e ser amada em uma troca mútua, uma conjunção carnal do ato de amar.

Savary inverte os papéis enraizados na sociedade conservadora ao se posicionar como dona do ato carnal na hora da consumação. Apresenta uma voz lírica que não admite submissão quando se diz respeito aos desejos da carne. Nesse tom erótico de suas poesias, com delicadeza e objetividade, apresenta os prazeres, antes tidos como pecado. Aproveita-se do corpo alheio até o último momento para chegar ao verdadeiro intuito da relação carnal (sexual), ou seja, o seu próprio prazer.

Seus poemas apresentam o que antes era proibido à mulher de modo que rompe e subverte o imperativo judaico-cristão e patriarcal, que conduziu ao silenciamento e à subordinação repressiva do corpo feminino. Críticos como Marleine de Toledo (2009) reconhecem Olga Savary como uma das mais importantes vozes na poesia de natureza erótica no Brasil. Em especial, com *Magma* (1982), apresenta a recriação do corpo e do erotismo sob uma nova dimensão poética, constituindo-se a partir da conexão e do entrelaçamento entre os sujeitos.

A dimensão corporal torna-se espaço privilegiado das experiências, das iniciações e das transgressões, como diria Bataille (1987). Além disso, a comunhão erótico-carnal dos amantes se inter-relaciona com o próprio engendrar da criação poética na envergadura fecunda da arte (PAZ, 1994). No artigo *A escrita do corpo: a erótica verbal de Olga Savary*, Andreia Leitão (2013, p. 01) afirma que se trata de uma “escrita que se engendra no próprio corpo, legitimando-o na experiência de liberação seja no manifestar do poético, seja no do erótico”.

Em Olga Savary, a mulher se descobre através da sua própria escrita poética. Paz (1994) afirma que o erotismo é “poética corporal” e a poesia é “erótica verbal”, enfatizando que há uma relação entre ambos. Afirma ainda que “O erotismo é uma sexualidade transfigurada: metáfora a imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora” (PAZ, 1994, p.12). Nessa perspectiva, podemos salientar que Olga apresenta sua poesia de cunho erótico, relativa ao amor sensual (sentido) que desperta o desejo sexual, sem apresentar o sexo explicitamente.

No ritual erótico, há o jogo de fantasias, sendo totalmente possível que os amantes se sintam como um só, sem distinção de gênero. Para Paz (1994, p. 16), esse ritual nos leva à “imaginação” e à “invenção de cerimônias”. Esse jogo de imaginação não acaba com a diferença, mas sim serve à compreensão dos diversos elementos que compõem o universo.

O campo da Literatura foi um espaço propício para a apresentação da mulher, muitas vezes utilizando de pseudônimos, como forma de libertação. O mundo literário, antes dominado pelo gênero masculino, começou a ser permeado pela escrita feminina e por seus devidos nomes. Olga Savary foi um desses nomes que lutou e representou a mulher nesse cenário cultural.

Segundo Toledo (2009), a representação feminina escrita em *Magma* distingue-se “de seu papel passivo no processo sexual, inserindo-se merecidamente como coautora do evento erótico”. (TOLEDO, 2009, p.66).

Para Olga, “se a gente vivesse o erotismo completamente, não carecia escrever um só verso ou texto erótico” (Revista de humor e cultura Papangu, 2007, p.05). Com base no que foi dito, se todos falássemos sobre o erotismo de forma natural, não necessitaríamos escrever uma só linha sobre a temática em questão. Assim, a autora expõe o que já existe internalizado no ser humano e, ao escrever, quebra o tabu da submissão feminina.

A escrita atemporal de Olga Savary apresenta mulheres que detém o poder igualmente ao homem. Ao mesmo tempo em que considera o homem como objeto de desejo, apresenta a mulher como um ser completo que domina e é dominada, ora como a presa ora como predador. O corpo feminino se mostra como um templo para consumação do desejo. Este (desejo), por sua vez, aparece como uma forma singular de doação de ambos à procura do gozo comum, levando os amantes a uma plenitude nunca antes sentida.

O livro *Magma* tem logo no início o poema “Ser”, seguido pelos poemas “Sensorial”, “Ycatu (Água boa)” e “O segredo”. Interpretando apenas os títulos dos poemas mencionados, podemos perceber que estes conversam entre si: o ser que é sensorial se transforma em água boa e que é guardada como segredo. Olga abre, assim, o seu livro mais polêmico e fecha com os poemas *Sumidouro* (I, II e III), confirmando que a poeta aguardou a oportunidade (uma fenda) para se apresentar (explodir) como a lava, a brasa, o fogo e a posterior solidificação do magma.

Analisaremos o poema “Acomodação do desejo I” que vem nos apresentar a força impetuosa do mar em suas ondas arrebatadoras. A água aparece como uma metáfora do erotismo, pois o elemento água se constitui como o símbolo permanente da poesia erótica de Olga:

Acomodação do Desejo I

Quando abro o corpo à loucura, à correnteza,
reconheço o mar em teu alto búzio vindo a galope
enquanto cavalgas lento
meu corredor de águas.

A boca perdendo a vida sem tua seiva, os dedos
perdendo tempo enquanto para o amado a amada se
abre em flor e fruto (não vês que esta mulher te faz
mais belo?).

A vida no corpo alegre de existir, fiquei à
espreita dos grandes cataclismos:
daí beber na festa do teu corpo que me
galga esse castelo de águas.
(SAVARY, 1998, p. 190).

O poema apresenta a união dos corpos com riqueza metafórica. Como está no primeiro verso, a cópula configura-se como uma autêntica experiência, no sentido originário do grego de “colocar-se para fora”, conduzido pela “correnteza”, em uma força energética que arrasta consigo os amantes. A própria transgressão erótica conduz à experiência do “sentimento de liberdade que exige a plenitude da realização sexual” (BATAILLE, 1987, p. 100).

O mar remete à instância masculina, a qual se apresenta primeiramente por meio da escuta do “teu alto búzio”. Outro elemento masculino, no poema, é o cavalo como animal feroz e selvagem, “vindo a galope”, livre, sem rédeas, em direção à satisfação do desejo, juntamente com o vai e vem das ondas do mar e do “seu vai-e-vem pulsante”. O andar do animal que percorre o “corredor”, o “castelo” de águas, derrama-se, inundando a mulher com o seu líquido espumoso.

A seiva representa o sêmen que permite à mulher se apresentar plenamente como em “flor” e “fruto”, ou seja, à plenitude, no que diz respeito à saciedade do desejo carnal, à entrega absoluta ao êxtase, ao gozo, à livre fruição, à consumação do ato sexual no jogo amoroso. Desse modo, há “grandes cataclismos”, a explosão dos sentidos, da vida que eclode e habita no corpo e alma femininos.

Passemos à análise dos poemas “Mar I” e “Mar II”:

MAR I

Para ti queria estar sempre
vestida de branco como convém
a deuses tendo na boca o
esperma de tua brava espuma.
Violenta ou lentamente o mar
no seu vai-e-vem pulsante
ordena vagas me lamberem
coxas, seu arremesso me
cravando uma adaga roxa.

(SAVARY, 1998, p. 176).

Ao apresentar “Mar I”, a autora nos mostra a postura da mulher que queria estar vestida de branco, pois indicaria aos deuses que está pronta para o sacrifício do ato carnal. Pronta para ser violada, de maneira lenta ou violenta, cujo final será lhe cravar “uma adaga roxa”, que remete metaforicamente ao órgão sexual masculino. Como se nota, nesse poema, a mulher impetuosamente deseja se apresentar como um animal que está pronto para o sacrifício.

MAR II

Amo-te, amor-meu-inimigo, de mim não tendo piedade alguma. Amo-te, amor-sol-a-pino, feroz, sem nenhuma sombra. Estás inteiro em mim e vou sozinha.

Ao ver-te, amor, minha sorte ficou como se diz: marcada. Mar é o nome do meu macho, meu cavalo e cavaleiro que arremete, força, chicoteia a fêmea que ele chama de rainha, areia.

Mar é um macho como não há nenhum.
Mar é um macho como não há igual - e eu toda água.

(SAVARY, 1998, p. 177).

O amor e o ódio, no poema supracitado, confundem-se. As palavras “mar” e “cavaleiro” aludem ao sexo masculino, já a palavra “areia” evoca a mulher. Por mais que o mar tenha suas ondas arrebatadoras que chicoteiam a fêmea “rainha, areia”, esta permanece sempre a esperar: “Mar é o nome do meu macho, / meu cavalo e cavaleiro/ que arremete, força, chicoteia/ a fêmea que ele chama de rainha, / areia”.

Nessa imagem poética, a mulher tem o homem como objeto de desejo, em sua plenitude como animal representado pelo cavalo e cavaleiro. Também, o homem como mar deseja o corpo feminino como “rainha/areia”. Em tal jogo de palavras, tanto o macho como a fêmea se desejam de forma livre: são desejados e são objetos de desejo. O desfecho do poema revela que a mulher é toda água, ou seja, tem-se o êxtase erótico.

Quanto aos últimos poemas de Magma, transcrevemos a seguir:

SUMIDOURO

I

Tocas a fímbria dos desfiladeiros, fruindo a cor do figo e da romã no nascente e secreto sumidouro. É tarde nas folhas e nos muros, nas sombras do tanque de lodo e musgo, é tarde já, é noite - e o sol vem vindo e a primavera vindo onde a água é o mel feroz de pássaros em tua língua, onde o amor deságua em delta e tudo é fogo.

II

Direi então: amor é onde o junco alto e as dunas soam mais brando e os frutos cheiram mais e são mais doces, onde há embriaguez e a tensão de corda esticada no limite e tudo é lasso, onde as abelhas perdem a ferocidade sendo mais mel, onde tudo é ordem e labirinto.

(SAVARY, 1998, p. 199).

III

E onde é o sol mesmo na sombra porque tudo arde na grama quando a língua em chama sobe a fonte do delta das coxas, onde a vida é prometida nos dardos, nas setas e espadas. E é com o mel da tua espuma que se encontra a arqueologia dessa água intemporal.

Dou a noite a quem merece o dia e é com sabedoria que me matas no claro interstício dessa faca.

(SAVARY, 1998, p. 200).

A palavra sumidouro significa fenda profunda por onde alguma coisa desaparece. Em “Sumidouro I”, vemos o prazer carnal, “onde o amor deságua em delta e tudo fogo”, representando o sexo, a ferocidade do fogo do desejo. “Sumidouro II” continua esse pensamento poético. “Direi então: amor é onde” – com essa forma de escrita, Olga concebe o amor como um lugar e não como um sentimento. Desse modo, informa que, ao término da conjunção carnal, tudo fica mais belo e tranquilo, os frutos são mais doces e, até mesmo, as asas das abelhas já não agridem, pois dão somente o mel.

Em “Sumidouro III”, por sua vez, de uma maneira metafórica, encontramos a presença do delírio nos versos: “e onde e sol mesmo na sombra”, “porque tudo arde na sombra”. Expõe o desejo e o ato sexual: “quando a língua em chama sobe a fonte”, “do delta das coxas, onde”, “a vida é prometida nos dardos”, “nas setas e espadas”. Novamente, como se constata no verso

– “E é com o mel da tua espuma” – há a representação do sêmen do amado. Nos versos finais do livro *Magma*, a autora apresenta a morte como o êxtase do delírio carnal: “Dou a noite a quem merece o dia”, “e é com sabedoria que me matas”, “no claro interstício dessa faca”. Fica representada, nesse poema, o órgão fálico que provoca o prazer e o sofrer do ato erótico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Magma é um livro fundamental para o conhecimento da poesia erótica no Brasil, lançado no início da década de 1980, traduz-se em uma demonstração de força que visava à libertação das mulheres daquelas repressões impostas a elas ao longo do tempo.

De maneira singular, a lírica de Olga Savary colaborou para abrir caminhos para se repensar a mulher como ser social. Além disso, mostrou o erotismo como algo espontâneo e próprio do ser humano (inclusive, das mulheres). Tocar o ato erótico nos poemas revela a intenção de quebrar leis e restrições impostas pelo pensamento patriarcal, as quais merecem ser questionadas e transgredidas.

Os poemas de Olga Savary é um exemplo de poética realizada por mulher que inscreve, em seu corpo, uma verdadeira erótica verbal. Traduz a comunhão amorosa, a entrega do corpo à poesia e a poesia dos corpos. Por meio de sua escrita erótica, a poeta cria o próprio espaço para falar sobre os desejos femininos.

Assim, Olga Savary cria um universo próprio da mulher, uma nova visão sobre esta e a escrita feminina. Como consequência, a libertação do desejo presente na sua poesia dá autonomia para que outras mulheres tenham o desejo de expressar o prazer. Por essa razão, o livro *Magma* é também relevante para que a escrita feminina e o seu universo se tornem aceitos na literatura, visto que seus poemas defendem a liberdade pessoal e social da mulher, devendo, por isso, serem lidos, estudados e celebrados.

REFERÊNCIAS

ARCANJO, Clauder. O Olhar Dourado de Olga Savary. In: Revista de Humor e Cultura Papangu, nº40, maio de 2007. Disponível em <http://www.letraselvagem.com.br/>. Acesso em 08/10/2015 às 14h.

BATAILLE, Georges. O Erotismo. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CARUSO, Mariana “grandes entrevistas”. In: Maria Claire, junho de 2011. Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,EMI162428-17642,00OLGA+SAVARY+A+POETA+DO+EROTISMO.html/>. Acesso em 20/07/2015.

LEITÃO, Andreia. A escrita do corpo: a erótica verbal de Olga Savary. XIII Congresso Internacional da Abralic. Campina Grande-PB. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434328111.pdf

MUZART, Zahidé Lupinacci; MOREIRA, Maria Eunice (org.). Feminismo e Literatura ou quando a mulher começou a falar. História da Literatura: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

PAZ, Octavio. A dupla chama: amor e erotismo. Tradução de Wladir Dupont. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Labrys: Estudos Feministas, n. 1-2, jul./dez. 2001. Disponível em:

<www.ieg.usf.br/revista>.

SANTANA, Patrícia, M. S. Ecocrítica e Erotismo nos poemas de Magma. Revista do curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v.4, numero 4, Setembro-Dezembro, 2013, p. 104 a 121. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/957/pdf_136

SAVARY, Olga. Magma. In: Repertório Selvagem: Obra Reunida de 12 livros de poesia, 1947-1998. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/Multimídias/Universidade de Mogi das Cruzes, 1998, p. 165-200.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. Olga Savary: erotismo e Paixão. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.